O APOCALIPSE DE JOÃO E O FIM DO MUNDO

José Comblin

No que diz respeito ao fim do mundo, a mensagem central do Apocalipse de João é idêntica à mensagem dos outros livros do Novo Testamento quanto ao essencial. A mensagem para os cristãos é esta: não devemos preocupar-nos pelo fim do mundo porque o essencial já foi dado. O mais importante já aconteceu: Jesus ressuscitou. Isto é mais importante do que o fim do mundo que será apenas a plena manifestação da ressurreição de Jesus. Por isso, diante do futuro, o cristão não sente medo, menos ainda angústia. Nem sente curiosidade nenhuma. Enxerga o futuro com alegria, quase com triunfo, porque sabe que o futuro não poderia ser outro senão a clara manifestação da grande revolução do mundo, do maior acontecimento da humanidade que foi a ressurreição de Jesus.

É isto que vamos mostrar a partir do Apocalipse de João. Os povos ficam perturbados diante das imensas provações e dos terríveis sofrimentos que afligem a humanidade. O cristão mantém no meio dessa confusão toda a plena tranqüilidade de quem sabe que já é o vencedor final da história. Assim é a fé cristã de que são testemunhas os livros do Novo Testamento.

1. Chaves de leitura do Apocalipse de João

1.1. O "gênero literário"

O Apocalipse de João pertence a um modo de escrever bastante comum no judaísmo entre 150 antes de Cristo e 150 depois de Cristo. Esse gênero literário já tem precursores entre os profetas Ezequiel, Joel, Zacarias. Estes já tiveram e escreveram visões semelhantes às visões dos apocalípticos. Os profetas clássicos não têm visões, mas escutam palavras de Deus. Os apocalípticos têm sobretudo visões e recebem as suas revelações em forma de visões.

Até que ponto essas "visões" foram realmente visões, ou são visões inventadas pelo autor como convenção literária? Provavelmente haverá uma parte de visão e uma parte, uma grande parte, de convenções literárias. Há, por exemplo, no Apocalipse de João, visões impossíveis. O autor aplicou aos objetos das suas visões chavões que vinham ou do Antigo Testamento ou da tradição literária apocalíptica. Certos pintores trataram na história de pintar algumas visões do Apocalipse. Tomaram ao pé da letra o que dizia o livro. É possível que o próprio autor teria sido muito surpreendido se tivesse visto essas pinturas. Não devemos tratar de imaginar a visão, mas somente procurar entender o significado dos símbolos, porque tudo na visão é símbolo.

O Apocalipse de João contém muitos elementos descritivos que são comuns a todos os apocalipses conhecidos. Os mais próximos literariamente falando são dois apocalipses apócrifos (não canônicos): o 4º livro de Esdras e o Apocalipse de Enoque. Há um material simbólico que é comum: a descrição das guerras, dos cataclismos naturais, das mudanças cósmicas, dos sinais que anunciam o fim, da teatralização do juízo final, da transformação final do mundo e, às vezes, do advento do Messias. Os anjos e os demônios têm uma ampla participação nos acontecimentos cósmicos. O combate entre Deus e um anti-Deus é a trama central do drama. O fim do mundo coincide com o fim da guerra entre Deus e o Adversário. Tudo isso é o contexto em que João escreve.

Entre os outros apocalipses e o Apocalipse de João há uma primeira diferença fundamental. Os outros são livros de revelações particulares sem autoridade especial. Foram revelações feitas ou imaginadas, mas reservadas a algumas pessoas particulares que as invocavam para consolar ou provocar os leitores. Não eram livros oficiais.

O Apocalipse de João pretende ser a palavra final da Bíblia dos judeus. É uma releitura de todo o Antigo Testamento. João nunca cita os autores que usa, mas o seu texto é feito quase sempre de citações implícitas da Bíblia. Isto quer dizer que pretende dar a interpretação oficial, certa, de toda a Bíblia. Ele faz da Bíblia a leitura cristã. Seu livro é como uma visão global de todo o Antigo Testamento. Pois na visão dele todo o Antigo Testamento culmina no anúncio do Messias e na espera do fim do mundo, com o advento do reino de Deus. João organiza o Antigo Testamento em função desta interpretação. Visivelmente é um cristão que toma posse da Bíblia de Israel.

Pode ser significativo que justamente na mesma época, perto do ano 100, os rabinos reunidos em Jâmnia (refúgio principal depois da destruição de Jerusalém) definiram o cânon das Escrituras judaicas. Na mesma época os cristãos pretendem apropriar-se também do Antigo Testamento.

O gênero apocalíptico era muito familiar aos primeiros cristãos. Parece que o próprio Jesus não lhe era alheio. No Novo Testamento há capítulos que pertencem ao gênero apocalíptico, justamente os que se referem ao futuro do mundo. Citemos sobretudo Mc 13 e os paralelos, 1Cor 15, 1Ts 4,13–5,11, 2Ts 2.

A doutrina do Apocalipse de João é a mesma que se acha nestes outros textos do Novo Testamento: não se perturbem! Jesus ressuscitou! O fato central do fim do mundo e do futuro da humanidade é a vinda de Jesus para ser o rei da humanidade e do mundo inteiro.

Entretanto, há algumas particularidades na doutrina do Apocalipse, que são devidas ao fato de que João escreveu uma geração depois dos outros textos apocalípticos cristãos, em referência a situações novas. João escreve não já na perspectiva da Palestina e sim na perspectiva do Império Romano, isto é, do mundo inteiro, tal como o conheciam naquela época naquela região.

Vamos ver o que condicionou a nova perspectiva apocalíptica de João.

a) O fato fundamental

O que imediatamente chama a atenção no Apocalipse de João, por ser novidade total no mundo apocalíptico, é que, para João, Roma e Jerusalém são a mesma coisa. Para um judeu seria uma blasfêmia. Como identificar a "cidade santa" com a "grande prostituta"?

É verdade que na luta contra a monarquia os profetas nem sempre tiveram uma visão positiva de Jerusalém de tal sorte que os evangelhos puderam invocar o argumento de que "Jerusalém mata os profetas" (Mt 23,37). Jesus anunciou a destruição de Jerusalém. Segundo Lucas, esta destruição é um castigo porque a cidade rejeitou Jesus. Tal castigo ainda não é a equivalência com a Roma pagã. O que foi que levou João a tal assimilação, e o que significa essa assimilação para a doutrina cristã da história?

b) Alguns acontecimentos decisivos

1) A destruição de Jerusalém e o seu significado

No livro de João a destruição de Jerusalém é um fato apocalíptico, um fato que pertence à escatologia cristã. Porém, ela não anuncia o fim imediato da história. Pois ela é apenas a imagem da futura destruição de outra grande cidade, Roma. Jerusalém chegou ao ponto de se identificar com a Roma pagã, a capital do paganismo, o trono de Satanás. Jerusalém transformou-se em Roma, virou Sodoma e Egito, as encarnações das piores depravações humanas, a imoralidade e a idolatria que são também as grandes tentadoras do povo de Deus. A destruição de Jerusalém é a continuação da destruição e dos castigos que golpearam o Egito e Sodoma. Tudo isso aconteceu porque em Jerusalém Jesus foi crucificado (Ap 11,8).

A mesma cidade persegue agora os profetas cristãos (Ap 11,3-7). Ora, estes profetas não foram mortos em Jerusalém. Jerusalém não existe mais. O poder que persegue agora é Roma. É bem provável que as duas "oliveiras" e os "dois candelabros" (Ap 11,4), símbolos tirados de Zacarias, evoquem aqui Pedro e Paulo, mortos em Roma. A carta de Clemente, escrita mais ou menos na mesma época, mostra que em Roma já associam Pedro e Paulo.

A grande Babilônia, cuja destruição será o grande sinal do fim do mundo, é Roma. Esta Roma, mãe de todos os pecados, foi prefigurada por Jerusalém que rejeitou Jesus, cometendo assim o pecado maior de toda a história, o grande pecado de Satanás.

A destruição de Jerusalém não é puro episódio: houve tantas cidades destruídas na história! A destruição de Jerusalém tem um significado muito especial: ela anuncia a destruição final de Roma.

Como foi que um cristão, que se pretende dono, protetor, intérprete único da Bíblia, pôde tratar dessa maneira a cidade de Jerusalém, tantas vezes exaltada pelos

profetas apesar dos seus pecados, e prometida a tanta glória? Os profetas teriam podido errar de tal maneira?

João encontrou uma solução. A verdadeira Jerusalém de que falam os profetas, não era aquela que foi destruída. Eles anunciavam uma nova Jerusalém que estava no céu e descerá na nova terra depois da ruína final deste mundo atual (Ap 21,1–22,5). Esta Jerusalém da terra podia desaparecer sem que fossem desmentidas as profecias da Bíblia. Os oráculos dos profetas permanecem e João usa-os para descrever a nova Jerusalém. Como podemos ver, João vai longe na releitura dos profetas.

Além disso a antiga Jerusalém não foi totalmente destruída. Uma parte foi preservada, invisível aos olhos humanos, mas visível aos olhos de Deus, aquela parte que o autor chama "o templo de Deus, o altar e os que nele adoram" (11,1). Provavelmente será aquela parte que João vê no céu no cap. 14,1-5: o monte Sião onde estava o Cordeiro com os cento e quarenta e quatro mil que não se deixaram corromper, e são os que "adoram". São provavelmente os mesmos cento e quarenta e quatro mil do cap. 7, que celebram a grande liturgia de aclamação do Cordeiro. O que subsiste da antiga Jerusalém, o que fazia dela uma cidade santa, o que fazia a substância da verdadeira Jerusalém, o que anunciava a nova Jerusalém, são os mártires cristãos, talvez, por extensão, as comunidades cristãs. Por sinal os cristãos de Jerusalém saíram antes que a cidade fosse sitiada pelos Romanos. Não se identificaram com os zelotas que estabeleceram a sua ditadura em Jerusalém e a levaram ao desastre, em nome de uma falsa esperança em Deus.

Por conseguinte João vai mais longe do que Paulo: para ele, o verdadeiro Israel são as igrejas cristãs. Paulo não cortava as relações com os judeus que não tinham aceito Jesus. Pensava que os judeus estavam temporariamente afastados, mas que no final Deus os chamaria de novo para dentro do seu povo. Pensava que as promessas feitas a Israel valiam para sempre e para o conjunto do Israel histórico. João cortou. Por quê? Porque houve novos acontecimentos.

2) A ruptura com o judaísmo histórico concreto

Depois da destruição de Jerusalém, os doutores da lei, os futuros rabinos, procuraram recolher o que subsistia de Israel na Palestina e dar-lhe uma nova consciência judaica. Fizeram uma religião na qual o templo e o culto dos sacrifícios já não tinham vez. Ao mesmo tempo tomaram posições mais duras para com todas as tendências que criavam em Israel uma certa diversidade. Foram condenados os apocalípticos, os essênios, as expressões de um judaísmo helenizado; rejeitaram os livros escritos em grego. Excomungaram os cristãos como sendo apóstatas do judaísmo e convertidos ao paganismo. Estavam reunidos no centro de Jâmnia, cidade que os Romanos não destruíram e deixaram para os sobreviventes. Foi na década de 90 que os cristãos foram expulsos do judaísmo.

Ora, essa expulsão tinha um efeito imenso para os cristãos no Império Romano. Roma respeitava as religiões dos povos vencidos. Os judeus gozavam de uma ampla

tolerância. O judaísmo tinha o *status* de religião da Palestina, e, enquanto tal, merecia tolerância. Houve perseguições de judeus, mas eram fatos isolados, não eram a aplicação de um princípio geral.

Porém, para os cristãos a sua expulsão era grave. Uma vez que aos olhos de todos já não eram da religião judaica, a sua religião não era de nenhum país. Não tinha nenhum título para conseguir tolerância. Uma religião sem território somente podia ser fator de desordem. Para os romanos era intolerável. Por conseguinte, uma vez expulsa do judaísmo, a Igreja cristã estava sem proteção legal nenhuma: estava exposta a ser perseguida a qualquer momento. O que de fato aconteceu.

As perseguições de Nero em Roma nos anos 60, nas quais morreram Pedro e Paulo, podiam ainda ser interpretadas como episódios isolados. Nero procurava um bode expiatório para vingar o incêndio de Roma. Designou os cristãos à vindicta popular. Mas ainda não havia posição de princípio a respeito dos cristãos.

João é contemporâneo das perseguições de Domiciano no final do século I. Agora ele percebe que já não se trata de fatos isolados. Nas novas perseguições, denuncia uma situação de princípio. Para ele a morte de mártires cristãos é a manifestação de uma oposição radical entre os cristãos e o Império Romano. Porque os cristãos são os combatentes de Deus no mundo e o Império Romano é inspirado por Satanás. É uma besta suscitada por Satanás. A morte dos mártires é um episódio da luta entre Deus e o seu Adversário.

1.3. O descobrimento de Roma

Os judeus da Palestina suportavam dificilmente a ocupação pelas legiões romanas e a presença de um funcionário romano à frente da Judéia. Houve movimentos de oposição armada: os zelotas. Depois da morte de Jesus parece que a oposição foi crescendo. Vários pseudomessias se levantaram convocando o povo para uma insurreição contra o poder romano. Foram duramente reprimidos. A oposição foi crescendo até a insurreição de 66 dC e a derrota total com a destruição de Jerusalém.

Na diáspora os judeus tinham outras atitudes. Apreciavam a tolerância da qual eram objeto. Quando estourou a insurreição na Palestina, os judeus da diáspora abstiveram-se cuidadosamente de manifestar qualquer simpatia pelo movimento. Pelo contrário, dessolidarizaram-se. Sentiam o perigo. De fato, não houve nenhuma repressão contra os judeus da diáspora, o que mostra que os romanos observaram a clara separação entre eles e os correligionários da Palestina.

Também nos primeiros tempos, os cristãos da diáspora e os neoconvertidos do paganismo não se sentiram em oposição direta com o Império. Nem Paulo, nem Lucas manifestam uma oposição ao Império, muito pelo contrário. O paganismo é a cultura helenística, todo o conjunto de civilização do mundo grego, não diretamente o poder político do imperador ao qual os escritos do Novo Testamento ensinam a submissão. O próprio Jesus não deixou nenhum sinal claro de oposição ao Império Romano. Pelo contrário, os evangelhos contêm narrações favoráveis a oficiais romanos.

Porém os tempos mudaram. Em primeiro lugar a ruptura com o judaísmo deixa os cristãos sem cobertura. Por outra parte, com Domiciano, o culto ao Imperador começa a se tornar obrigatório. Para Paulo o pecado estava no mundo grego. Para João está encarnado em Roma. Houve o descobrimento de Roma como centro do mundo. Com certeza, a ruína de Jerusalém desorientou os cristãos que buscaram outro centro do mundo. Por outro lado a destruição de Jerusalém não tinha provocado o fim do mundo.

Quem pensava que a ruína de Jerusalém seria o fim do mundo, ficou desconcertado. Por que o fim do mundo não aconteceu? Pior ainda: não havia mais sinal nenhum de que o fim fosse iminente. Então o que pensar? Os profetas erraram?

A resposta foi que os últimos acontecimentos da história não estavam ligados à Jerusalém terrestre. As profecias deviam ser aplicadas a outra realidade. Doravante Babilônia devia ter outra aplicação. Vários sinais mostravam a raiz do mal em Roma. Na medida em que com os novos imperadores Roma aparecia como a cabeça do mundo, ela atraía a ira de Deus e os oráculos de destruição.

Doravante sob Domiciano, pelo menos naquela região da Ásia, comunidades cristãs percebem que estão sozinhas, entregues a um combate contra todo o resto do mundo, lutando contra duas frentes. Por um lado estão lutando lá "onde está o trono de Satanás" (Ap 2,13), alusão provável ao culto imperial particularmente forte em Pérgamo. Por outro lado estão lutando contra "a sinagoga de Satanás" (2,9; 3,9), que são os judeus.

Longe de provocar medo ou angústia, esta situação reforça os acentos de triunfo das comunidades. Nada disso impede a glória da vitória de Jesus.

A destruição da Grande Babilônia, da "Grande Prostituta", anunciada pelo Apocalipse não se realizou (cap. 17–18). Roma não foi destruída. Subsiste até agora. É verdade que certos evangélicos ainda anunciam a sua queda por ser o trono de Satanás, sendo o Papa a Besta enviada por Satanás. No entanto hoje em dia somente uma pequena minoria ainda espera a queda de Roma por ser a cidade do Papa. É verdade que Roma foi invadida e saqueada várias vezes na história. A última vez foi saqueada pelas tropas do Imperador muito católico Carlos V em 1527. Porém, ela foi restaurada e continuou até hoje.

Isto nos leva a pensar que Roma não era ponto de aplicação definitivo da profecia de João. Roma representa naquela época a presença do pecado no mundo, dum pecado global, estruturado, social. No decorrer da história esse poder que se levanta contra Deus, inspirado por Satanás, não se encarna somente em Roma. Hoje em dia alguns achariam que a Grande Babilônia são os grupos financeiros mundiais que dominam os capitais e dirigem o mercado da especulação financeira mundial. Ali está a grande força de opressão que mantém a humanidade num estado de miséria e de prostração deixando os benefícios a uma pequena elite de colaboradores do sistema mundial. A destruição do sistema de dominação permanece na perspectiva do fim da história, embora possa ainda adquirir no futuro novas figuras. O que João anuncia é que a luta é permanente, e que esses poderes serão destruídos e não terão a última palavra.

2. Os grandes temas do Apocalipse

2.1. A vitória de Cristo

O livro do Apocalipse é um grito de triunfo. É uma grande liturgia de aclamações ao Cristo vencedor. As comunidades cristãs ainda são minúsculas. São perseguidas por todos os poderes do mundo. Longe de adotarem um comportamento sectário ou agressivo, são triunfantes. Não é que esperem a vitória futura. São vencedoras desde já. Celebram a vitória que já têm. Para elas a ressurreição de Jesus já é a vitória sobre todos os poderes do mundo.

A visão gloriosa do cap. 5 oferece o tema em toda a sua amplitude. E a glória da ressurreição reaparece no meio de todas as visões do futuro. Por isso, tudo que pode acontecer de cataclismo e de perseguição não afeta os cristãos.

Esta mesma vivência do triunfo da ressurreição vai reaparecer nas atas dos mártires. As provações, longe de provocarem um fechamento, aumentam o sentimento de triunfo. A morte dos mártires foi então celebrada como a vitória de Cristo.

Claro está que a vitória de Cristo se amplia na celebração das bodas do Cordeiro com nova Jerusalém depois de toda a história. Porém, a certeza da vitória atual é mais forte do que a esperança de uma vitória futura. O Apocalipse de João é mais um livro de fé do que de esperança, porque a vitória já é um fato que a fé proclama. A manifestação futura da vitória de Cristo não poderá provocar mais alegria do que a ressurreição. Assim consta no capítulo 5.

2.2. A universalidade da soberania de Cristo

A primeira coisa que chama a atenção na vitória de Cristo é o seu alcance universal. A fórmula "toda tribo, língua, povo e nação" reaparece constantemente como um refrão. A ressurreição de Cristo é um fato que envolve a totalidade dos povos da terra. Embora João tivesse o conhecimento apenas de uma porção do universo, a sua proclamação se dirige visivelmente também a todos os povos ainda não conhecidos. Por sinal, o fato de estar inserido num império que unia mais de cinqüenta povos permitiu medir, de certo modo, o alcance da universalidade. Jesus tornou-se tão universal como Deus, como consta da sucessão dos cap. 4 e 5. O reino de Cristo tem a mesma extensão do reino do Pai. É exatamente isso que João quer proclamar.

Não se trata diretamente da universalidade da Igreja e sim da universalidade de Cristo sobre todas as nações do mundo. Os cristãos estavam bem conscientes de que Jesus tinha saído de um povo marginal do Império Romano sem significação nenhuma para a cultura do mundo. No entanto professaram que ele tinha sido escolhido para ser o Messias universal.

Hoje em dia uma proclamação tão clara de universalismo provoca às vezes um mal-estar entre as pessoas que moram no meio das culturas tão diferentes e dos povos tão numerosos da Ásia. No entanto, a afirmação está aí. Pode ser que a dificuldade proceda do fato de que muitos povos identificam o povo de Israel com o mundo ocidental.

O drama da ressurreição de Jesus envolve a humanidade inteira. Por isso João enxerga essa ressurreição como a inversão do drama do pecado no paraíso (cap. 12). A Mulher tinha sido vencida pela Serpente. Agora na ressurreição de Jesus a Mulher vence a Serpente-Dragão. Dá à luz o soberano do mundo, o novo Adão. Esse parto do rei novo é a ressurreição de Jesus. Com ele começa uma nova humanidade, doravante fora do alcance do Dragão. Mais ainda: o reino de Jesus é uma nova terra e um novo céu, uma nova criação, o verdadeiro paraíso.

2.3. O atraso do fim do mundo

Parece que nas origens muitos acreditaram na iminência do fim do mundo. É o que sugerem as epístolas aos Tessalonicenses. No Apocalipse a insistência está no atraso da parusia do Filho do Homem e do fim do mundo. O autor quer tirar a ilusão de que o fim estaria próximo. Pelo contrário ainda vai demorar bastante.

Uma vez que aconteceram todos os sinais tradicionais da apocalíptica, antes que o anjo toque a última trombeta, começa uma nova história. Aparece um novo livro abrindo uma nova história (10,8-11). Este livro é o da evangelização dos povos do mundo. Antes do fim do mundo haverá a missão a todas as nações. O tema já estava presente nos evangelhos: Mt 24,14; Mc 13,10; Lc. Porém, aqui João tem uma visão muito mais ampla do mundo inteiro e da multiplicidade das nações. A missão é o objeto de um livro inteiro.

O tempo dessa missão dos profetas novos de Cristo durará "quarenta e dois meses" (11,2), ou mil duzentos e sessenta dias (11,3). Este tempo vem de Daniel (7,25). É todo o tempo da luta de Satanás contra Deus. Do número não podemos tirar nada. O que nos interessa é que a tarefa é imensa.

Em todo caso, na história cristã subseqüente, o que sempre predominou foi a preocupação missionária prevalecendo sobre a preocupação da iminência do fim. Se o fim é iminente, a missão torna-se inútil. O que prevalece aqui é a missão. A Igreja é representada pelos dois candelabros e as duas oliveiras que fazem ofício de profetas no mundo. Esta missão é o que ocupa a Igreja, deixando de lado a perspectiva final. A preocupação pelo fim do mundo é uma tentação que nos afasta da preocupação pela missão: é o que João pretende dizer.

2.4. O mistério do reino de mil anos

Quando tudo já está pronto para a fase final deste mundo, aparece um Anjo que acorrenta o Dragão por mil anos. "Vi então tronos, e aos que se sentaram foi dado poder de julgar. Vi também a vida daqueles que foram decapitados por causa do Testemunho de Jesus e da Palavra de Deus... eles voltaram à vida e reinaram com Cristo durante mil anos" (Ap 20,4).

Este reino de mil anos das almas dos mártires foi objeto de discussões desde sempre. Nunca se chegou a uma conclusão definitiva porque faltam elementos para confirmar definitivamente alguma das interpretações.

Alguns interpretaram no sentido de que no fim deste mundo, antes do juízo final, da ressurreição final e da nova criação, haveria ainda nesta terra um período de mil anos de paz e felicidade, assim como uma era de Aquário. A dificuldade é que João fala apenas das almas ou das vidas, não de seres humanos completos. Diz também que somente estarão aí as almas dos mártires. Estas e somente elas participam da "primeira ressurreição".

Durante a cristandade, alguns acharam que a profecia esteve realizada depois da conversão de Constantino ou no tempo do império germânico: já reinava a paz no mundo inteiro e os cristãos viviam tranqüilos. A dificuldade foi que, apesar da conversão dos imperadores, a situação real da cristandade estava longe de poder ser interpretada como o reino dos mártires ou como reino de paz.

Muitos acham que os mil anos das almas dos mártires coincidem com a multidão dos cento e quarenta e quatro mil que acompanham o Cordeiro no monte Sião no cap. 14,1-5, ou a multidão de um Israel espiritual que no cap. 15,2-3 estavam de pé sobre o mar de vidro, seguravam as cítaras de Deus e cantavam o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro. Ou então os cento e quarenta e quatro mil marcados na fronte, do cap. 7. A primeira ressurreição seria a vida das almas dos cristãos que venceram na perseguição salvando sua fé até na morte.

Estas perícopes mostram que os mártires não devem esperar até a segunda ressurreição, a ressurreição final: desde já participam da vitória de Cristo.

2.5. A parusia de Cristo antecipada

Nos evangelhos sinóticos o ato principal do fim do mundo é a segunda vinda de Jesus, a visão do Filho do Homem vindo nas nuvens para julgar o mundo. Aqui no Apocalipse essa visão da vinda do Filho do Homem já se deu. Jesus apareceu assim a João. A segunda vinda de Jesus é atual. Estamos nos tempos finais, e estes duram muito tempo. Mas a história toda está sob o sinal da vinda de Jesus. Ele está julgando e governando o mundo. Ele está salvando o seu povo. Já venceu e ele já vem para recolher os efeitos da sua vitória. O mais importante do fim do mundo já está presente: a *segunda e última vinda* de Cristo já é realidade. Nem faz sentido esperar a segunda vinda de Jesus: já está acontecendo. Está presente na nossa vida presente apesar das tribulações e dos sofrimentos. As perseguições e as paixões não impedem o triunfo e o reinado de Cristo. Nisto o autor do Apocalipse situa os seus leitores no mundo joanino. A parusia foi antecipada. É um fato presente. Por isso o fim do mundo perdeu todo interesse. O que importa é receber, acolher e viver intensamente a segunda vinda de Jesus entre nós hoje. O resto é superficial, contextual, secundário, marginal.

"O Espírito e a Esposa dizem: Vem" (Ap 22,17). Jesus responde: "Sim, venho muito em breve!" (Ap 22,20). Não devemos entender estas palavras no sentido de que o fim do mundo viria em breve: O sentido é: Jesus vem já imediatamente, bem antes do fim do mundo.

José Comblin
Rua Rosinaldo Santana, 900
58308-650 Bayeux, PB